

UMA PESQUISADORA EM AÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UM INSTRUMENTO NO ESTUDO DE MULHERES GESTORAS DE ESPORTE NO BRASIL

Estudante: **Victória Leizer dos Santos Hostyn**

Orientador: **Mauro Myskiw**

Resumo: Esta pesquisa se localiza no debate das mulheres no esporte, especificamente das trajetórias e participações delas em espaços de gestão. Para levar adiante essa investigação foi necessário a construção de um instrumento de pesquisa (um questionário on-line). O objetivo do presente texto foi, na perspectiva dos estudos sociais da ciência e da tecnologia, descrever – no sentido de translação – práticas de governança acadêmico-científicas mobilizadas pela autora como pesquisadora-mediadora em ação, para estabilizar e fechar o referido instrumento de pesquisa. A translação foi abordada numa textualização que procurou mostrar a agregação e associação de atoras/es heterogêneas/os em face de dois pontos de passagem (constituição da simplicidade e a praticidade; acalmar controvérsias entre precisão conceitual, familiaridade e desconforto). Imersa no processo social de constituição do instrumento me vi diante da necessidade de produzir práticas de coordenação e de harmonização para fechar um instrumento e, ao mesmo tempo, acalmar (abandonar) debates importantes e relevantes para o próprio estudo.

Palavras-chave: Mulheres; Gestão; Esporte; Ciência; Instrumento; Pesquisa.

A RESEARCHER IN ACTION: THE CONSTRUCTION OF AN INSTRUMENT IN THE STUDY OF WOMEN SPORT MANAGERS IN BRAZIL

Abstract: This research focuses on the debate of women in sport, more specifically on their trajectories and participation in management roles. To carry out this investigation, it was necessary to develop a research instrument (an online questionnaire). The objective of this paper was, from the perspective of the social studies with an emphasis on science and technology, to describe - in the sense of translation - academic scientific governance practices mobilized by the author as a researcher/mediator in action, to stabilize and conclude the aforementioned research instrument. The translation was approached in a context that sought to show the aggregation and association of heterogeneous actors in view of two crossing points (the character of simplicity and practicality; the aptitude to diffuse controversies involving conceptual precision, familiarity and discomfort). Immersed in the social process of developing the instrument, I found myself facing the need to produce a guideline with coordination and harmonization practices to conclude the research and, at the same time, settle down (to leave behind) important and relevant debates for the study itself.

Keywords: Women; Management; Sport; Science; Instrument; Search.

1 INTRODUÇÃO

Começo a escrita deste texto situando como minha existência enquanto mulher, acadêmica, gestora e professora me trazem até a construção de um instrumento de pesquisa orientado para uma investigação sobre a pluralidade de mulheres na gestão de esporte. Na linha do tempo em que passei de uma menina, questionadora e apaixonada por esportes (principalmente futebol) até uma mulher, professora de Educação Física (EF) que se coloca como parte ativa da mudança que espera, passei por muitos episódios e vivências que foram me constituindo e me trouxeram até este ponto. Desde cedo precisei me impor frente aos desafios, principalmente no cenário esportivo, fosse para conseguir jogar futebol com os meninos na rua ou para ter o direito garantido de praticar as mesmas atividades que os meninos na Educação Física Escolar. Gestada em uma família de mulheres fortes e independentes, sou feminista desde muito cedo e me movo inspirada na potência que é ser mulher.

Já na faculdade me inseri em espaços e estudos que contribuíram para minhas indagações sobre mulheres na gestão de esporte. Através do Movimento Estudantil (ME), sendo mais específica do Diretório Acadêmico de Educação Física (DAEFI-UFRGS) e da Associação Atlética Acadêmica do Campus Olímpico (A3CO-UFRGS), vivenciei o que posso afirmar, sem sombra de dúvidas, serem os espaços ligados à Universidade de maiores aprendizados até aqui. Neles compartilhei anos de muitas construções coletivas, debates acalorados, afetos, momentos difíceis, amizades e infinitas experiências que não conseguiria traduzir para o papel. Contudo, me permito sintetizar em algumas linhas um pouco dessas vivências e como elas ainda hoje reverberam em mim e em minhas práticas como pesquisadora.

Em anos compondo o DAEFI-UFRGS aprendi a canalizar minhas revoltas e valorizar a coletividade. Ampliei meus questionamentos, produzi algumas respostas, outras ainda sigo com a expectativa de construir entendimentos. Compreendi alguns aspectos sobre política, sociedade, opressões e diversos outros temas e esses aprendizados me fizeram perceber o quanto ainda preciso aprender. Durante seis anos de prática diária na A3CO experienciei e aprendi sobre inúmeros esportes. Ali me inseri no ambiente estudantil da gestão de esporte e comecei a almejar minha inserção profissional na área.

Após meu ingresso no mestrado comecei a fazer parte do Grupo de Estudos

Socioculturais em Educação Física (GESEF-UFRGS), onde tenho refletido e aprendido muito. Tenho certeza de que os debates, estudos e contribuições que ali vivencio ajudam na minha compreensão como mulher, pesquisadora e professora. Nesses espaços, reafirmei a importância que enxergo na criticidade e na busca por mudanças, entre elas as mudanças referentes à vida das mulheres. Nesse sentido, sigo na busca, me afastando um pouco do movimento estudantil e adentrando do universo científico, ocupando um outro local e vislumbrando contribuir com minhas ações diárias e minhas produções acadêmicas.

Ao buscar ingressar profissionalmente nos ambientes da gestão de esporte me deparei com um momento de prova, sendo que algumas dificuldades nessa inserção me fizeram buscar soluções. Através do agrupamento de diversos elementos, experiências e conhecimentos como cursos, congressos, estudos autônomos, conversas e atuações profissionais o meu incômodo foi se tornando em algo: uma inquietação. Analisando o cenário percebi o menor número de mulheres nesses ambientes, e a inquietude foi aumentando, somando outras interrogações. Uma das ações que adotei frente a esse cenário foi começar a pesquisar sobre o tema, escolhendo o tema mulheres na gestão de esporte, fazendo isso como alguém que faz parte dele, entendendo que minhas experiências e espaços ocupados no universo esportivo me ajudam a escrever e pensar sobre o tema.

Ao acessar a literatura que trata das mulheres no universo esportivo brasileiro, ficam muito evidentes as barreiras (sociais, culturais, econômicas e políticas), as discriminações, as estigmatizações e as invisibilidades por elas enfrentadas ao longo da história, quando comparado a presença e participação de homens (GOELLNER, 2005, 2007, 2019; SOUZA; KNIJNIK, 2007; PASSERO *et al.*, 2020), mesmo que algumas ações possam ser percebidas no sentido de diminuir as discrepâncias, entre elas a criação de instituições e de programas de liderança protagonizado por mulheres (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2009).

Tais diferenças se tornam também perceptíveis entre as pessoas que trabalham na gestão de esporte, principalmente nos esportes com mais visibilidade (GOMES, 2005). No chamado esporte de alto rendimento, a desigualdade é demonstrada em todos os níveis, de atletas à dirigentes, pois os cargos são majoritariamente ocupados por homens (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2009). A dimensão da desigualdade dentro dos cargos técnicos e de diretoria pode ser comparada a enfrentada pelas atletas mulheres há 100 anos atrás, não sendo difícil perceber que

locais do esporte têm participação maior de mulheres do que outros, questão diretamente ligada às representações sociais do gênero feminino (GOMES, 2005, 2006). No caso da gestão do esporte, o maior número de mulheres atuantes nos esportes competitivos é encontrado ligado à formação, como por exemplo nas categorias de base, o que reforça a função formadora atrelada à mulher (GOMES, 2005; OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2009).

Gomes (2005) aponta que no ano de 2005 apenas 6,1% das federações esportivas brasileiras eram presididas por mulheres, sendo a maioria delas nas federações de Ginástica Olímpica, modalidade que está ligada ao imaginário de prática feminina. Não por acaso a dificuldade em conseguir ingressar na carreira da gestão do esporte faz com que muitas mulheres, ao alcançar os postos desejados, evitem conflitos com seus colegas de trabalho, estabelecendo uma relação de conciliação entre os sexos, o que acaba não avançando muito em direção à igualdade (GOMES, 2006).

O trabalho de Zanatta *et al.* (2018) reforça que, assim como em outras áreas profissionais, o universo esportivo é ocupado majoritariamente por homens. Ao estudarem o perfil do gestor esportivo brasileiro, identificaram que se trata de homens, com média de 42 anos, formados predominantemente em Educação Física e Administração e com tempo médio de experiência de 14 anos (ZANATTA *et al.*, 2018). Em estudo recente realizado por Passero *et al.* (2020) sobre o campeonato brasileiro de futebol praticado por mulheres, foi observado que mais de 85% de todos os cargos de comissão técnica das equipes são ocupados por homens. Esse número reduzido de mulheres que ocupam os cargos de liderança reproduz a hierarquia de gênero. Diante disso, os autores apontam que há uma progressão limitada de mulheres, o que não ocorre por falta de habilidade, mas sim pelas barreiras simbólicas e históricas do esporte. Ou seja, as oportunidades e a falta delas não estão ligadas *a priori* ao sexo biológico, e sim implicadas nos significados de ser mulher. É notória a existência de inúmeros desafios a serem enfrentados pelas mulheres para alcançarem a igualdade dentro do universo de trabalho, tanto no que diz respeito à inserção, quanto na manutenção e na progressão da carreira (PASSERO *et al.*, 2020).

Esses desafios podem ser mais evidentes, como salários mais baixos, assédio no trabalho e falta de oportunidades, mas também podem se apresentar de formas mais difíceis de serem identificados. Essa noção de barreiras invisíveis, um

fenômeno que pode ser explicado pela metáfora do ‘teto de vidro’, onde através da transparência do vidro as mulheres conseguem enxergar cargos acima delas, porém, ao tentar atingi-los acabam esbarrando em uma parede (TORGA; SANTOS; MOURÃO, 2018). Essa parede é constituída de inúmeros fatos e um deles é a falta de representatividade, pois, ao passo que não vemos muitas mulheres em determinados locais - e aqui destacamos os lugares de gestão do esporte -, o acesso de outras acaba ficando restrito num sentido de lógicas imanentes.

A representatividade é aspecto crucial para o entendimento de demandas e a posterior intervenção para avanços necessários, e, nesse sentido, é de extrema importância a inserção de mais mulheres em cargos de comando no esporte (JAEGER, 2006). Se reconhecemos a linha argumentativa apresentada por Azevêdo (2009) acerca de organizações esportivas, de que existe uma tendência dos gestores em tomarem as decisões baseadas em suas experiências anteriores, se avulta ainda mais a relevância social e política da representatividade das mulheres nos cargos de gestão, colocando suas experiências, demandas e interesses nas pautas e dinâmicas organizacionais.

O fato é que – na relação com as dificuldades, barreiras e discriminações – há mulheres ocupando lugares de gestão de esporte no Brasil, produzindo representações e efeitos nas organizações. Diante disso, coube-me – entendendo que a construção de um objeto de investigação é uma ação política – produzir uma ação investigativa com o objetivo de conhecê-las, olhando para seus lugares na gestão e suas trajetórias. Sendo assim, construí algumas questões norteadoras: Quem são as mulheres que atuam na gestão do esporte? Quais as trajetórias e desafios enfrentados por essas mulheres? Como elas lidam em seu cotidiano com momentos críticos como a entrada no mercado da gestão, progressão na carreira e situações oriundas de discriminações e violências?

Em que pesem essas interrogações, passei a tê-las na relação com marcadores sociais que afetam esses percursos, como idade, sexualidade, identidade de gênero, classe social, cor/raça, etnia, composição familiar, maternidade, trabalho doméstico, deficiência, atuação profissional, formação, entre outras. Opto, então, pela perspectiva de que as inúmeras possibilidades de ser mulher estejam presente em todo momento, olhando pela ótica das histórias de mulheres (GOELLNER, 2007) em contraponto a história das mulheres que tende a universalizar o ser mulher. Para isso me foi necessário a estranhar e problematizar a falta de mulheres fora dos padrões

branco, cisheteronormativos e sem deficiência nos ambientes esportivos, na gestão de esporte.

Não menos importante é reconhecer e afirmar que as questões norteadoras apresentadas acima serão abordadas em face da diversidade de configurações das organizações esportivas. Isso porque o propósito é conhecer mulheres gestoras que estejam nos universos do esporte espetacularizado e empresarial, mas também naquelas organizações informais e comunitárias; mulheres atuantes em programas e projetos da administração pública ou em organizações sociais não estatais de interesse social. Desse modo, a pesquisa olha para as mulheres na gestão, buscando distintas configurações organizacionais.

E, para dar conta desse estudo e sua amplitude, um conjunto de ações foi produzido no sentido de desenvolver um instrumento de pesquisa: um questionário *on-line* construído no aplicativo *Google Forms* a ser enviado por e-mail ou redes sociais para gestoras de esporte no Brasil. Esse instrumento conta com perguntas fechadas e abertas, que trazem aspectos de identificação, marcadores sociais, profissionais, acadêmicos e perguntas ligadas ao tema da pesquisa, mulheres na gestão do esporte, considerando também a diversidade configuracional das organizações esportivas. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi, na perspectiva dos estudos sociais da ciência e da tecnologia, descrever – no sentido de translação – práticas de governança acadêmico-científicas mobilizadas pela autora como pesquisadora-mediadora em ação, para estabilizar e fechar o referido instrumento de pesquisa.

2 ESTUDOS SOCIAIS DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

O trabalho de Premebida, Neves e Almeida (2011) a respeito das distintas abordagens dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia colaborou no meu entendimento sobre a existência de um esforço coletivo que reúne diversas abordagens e metodologias das ciências sociais para compreender ‘o social’, os interesses, as disputas e legitimações nas práticas de produção de conhecimentos científicos. Nas palavras desses autores,

Os ESCT ou Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), em sua multiplicidade de abordagens, têm sua unidade no esforço de compreender objetos de estudo cada vez mais destacáveis na sociedade contemporânea, a

saber, a ciência e a tecnologia. Tais objetos se ramificam em muitos outros como: investigações acerca dos condicionantes sociais da estruturação e autonomia do campo científico; formação do conteúdo científico e tecnológico e sua compleição institucional, de acordo com diferenças culturais e regionais; relações com o complexo industrial e a caracterização do consumo contemporâneo das inovações tecnológicas; formas de decisão e escolhas sobre os grandes sistemas técnicos especializados que gerenciam a vida cotidiana; relação entre peritos e leigos no contexto de produção e difusão destes conhecimentos; mecanismos e condições institucionais e sociais de estruturação da ciência e tecnologia, por região e suas diferenças socioculturais; mecanismos de engajamento público nos temas sociotécnicos e; estudos sobre os impactos socioambientais decorrentes da utilização de sistemas e artefatos tecnológicos no dia-a-dia.” (PREMEBIDA, NEVES & ALMEIDA, 2011, p. 23-24)

Compreendendo a complexidade dos debates, das tensões e das disputas apresentadas por esses autores, mas reconhecendo a relevância de se olhar para a ciência em construção como prática social, tomei a decisão de tratar do objeto da pesquisa e reflexão na relação com a obra de Bruno Latour e Woolgar (LATOURE, 1994; LATOUR; WOOLGAR, 1997; LATOUR, 2000; LATOUR, 2001). Na obra *Jamais Fomos Modernos*, Latour (1994) problematiza a racionalidade científica, afirmando que “[...] pesquisas não dizem respeito à natureza ou ao conhecimento, às coisas-em-si, mas antes a seu envolvimento com nossos coletivos e com os sujeitos (LATOURE, 1994, p. 09), com uma rede de atores heterogêneos, humanos e não-humanos.

Entre as pesquisas, ensaios e reflexões que me orientaram nesse sentido, está a noção de investigar a ciência em construção – ‘o laboratório’ –, olhando para os interesses, os discursos e as performances que constituem os fatos científicos sem que isso seja um desmerecimento deles (LATOURE; WOOLGAR, 1997). Não menos significativo, para mim, foi ler as descrições do autor acerca da ‘inteligência científica de Joliot’ na constituição de princípios da fissão nuclear. Mostrando a dinâmica da translação, Latour (2001), descrevendo a produção dos fatos científicos como coordenação e enquadramentos de comportamentos aparentemente distantes (a desaceleração de nêutrons, ação dos ministros de guerra, dos espíões, dos nacionalistas, dos fabricantes de insumos e dos físicos) num único objetivo composto. Segundo o autor, “[...] eis seu [de Joliot] trabalho científico: manter juntos todos os fios e arrancar favores de todos, nêutrons, noruegueses, deutério, colegas, antinazistas, americanos, parafina... quem disse que ser cientista era tarefa fácil?” (LATOURE, 2001, p. 107-108).

O processo argumentativo de Latour (2001) sustenta que o trabalho científico provém da segurança proporcionada pelas referências circulantes que cascateiam ao longo de translações, modificando e restringindo comportamentos de atores heterogêneos até então desvinculados sobre os quais ninguém tem um controle durável, mas que passam a partilhar algo, pelo menos, por algum tempo. Essas referências circulantes seriam transformações pelas coisas ao longo dos trabalhos de coordenação e mediação dos cientistas, o que tem a ver com a noção de translação. Transladar, para Latour (2000), significa oferecer novas interpretações dos interesses dos atores alistados, canalizando as pessoas para direções diferentes, num movimento lento de um lugar (inicial) para outro. Envolve precisamente essa tarefa difícil de alistar, conectar e manter juntos os atores heterogêneos e seus interesses até então desvinculados, mas agora mais ou menos alinhados e estabilizados em face de algo.

No caso da presente pesquisa, esse algo que resulta da translação e que suscita esforços de alinhamento e estabilização foi precisamente um questionário *on-line* constituído para o estudo de mulheres brasileiras atuantes na gestão de esporte. Se Latour, nessas obras mencionadas, aponta os laboratórios como lugares privilegiados para estudar o social em construção e, em especial, estudar a ciência e a tecnologia em ação – inspirado nisso –, passei a desdobrar um trabalho investigativo sobre o questionário, me colocando como pesquisadora em ação, cujo relato tece uma rede na linha do que Latour descreveu a respeito de Joliot. O que se segue, portanto, é uma descrição acerca de como um conjunto de atores heterogêneos, num movimento de coordenação da pesquisadora em ação, vai sendo mobilizado como referência circulante para estabilizar um instrumento de pesquisa, ou, noutros termos, como ele vai ganhando aspectos de caixa preta na perspectiva de um enunciado que estaria fora das possibilidades de questionamento. Essa escrita tem como referência importante a obra *Reagregando o Social* de Bruno Latour a respeito de sua proposta de uma teoria ator-rede (LATOURE, 2012).

3 UMA PESQUISADORA EM AÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE PESQUISA CIENTÍFICA

A translação foi abordada numa textualização que procurou mostrar a agregação e associação de atoras/es heterogêneas/os, o que ocorreu de maneira

importante em face de dois pontos de passagem (constituição da simplicidade e a praticidade; acalmar controvérsias entre precisão conceitual, familiaridade e desconforto).

3.1 Alistando atoras/es e interesses heterogêneos

Na composição da primeira versão do instrumento, esteve presente o orientador da pesquisa, pesquisador vinculado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenador do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) que desenvolve estudos qualitativos acerca de questões atinentes à Educação Física. Inúmeras foram as vezes em que conversamos alinhando detalhes, considerando toda a complexidade do tema. Essa construção também foi baseada em conversas com/entre membros do GESEF, grande parte deles mestrandos/as e doutorandos/as do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS.

A lista de atores arrolados, no entanto, não parou por aí. Com o formulário no aplicativo *Google Form* e a organização inicial das perguntas, seguindo orientações descritas em obras que tratam da construção de instrumentos de pesquisa (MINAYO & SANCHES, 1993; BONI & QUARESMA, 2005) enviei a proposta de questionário para pesquisadoras com experiência nas temáticas relacionadas, para que fosse verificada a pertinência das questões em relação ao objetivo, tendo em vista o cenário atual de debates acadêmico-científico.

Após convites e conversas prévias, essa primeira versão foi encaminhada para 7 pessoas com a solicitação para que emitissem seus pareceres. Dessas, 4 retornaram apontando dúvidas e sugestões; as outras 3 não puderam contribuir no momento solicitado. Entre as que emitiram pareceres, duas são pesquisadoras que além de estudarem temáticas relacionadas ao instrumento, o fazem no contexto do esporte. Ambas são professoras Universitárias com trajetórias reconhecidas, rastreáveis pelas suas publicações (artigos, livros, capítulos), presença, participação e circulação em eventos, entidades e ações coletivas.

Após esses pareceres, procedi reformulações no questionário, mas foi necessário acionarmos a contribuição de mais um pesquisador, professor Universitário dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) na

UFRGS. Essa colaboração foi considerada necessária em virtude da especialidade do pesquisador sobre identidades de gênero e sexualidade, pois eu estava diante de dilemas relacionados ao uso preciso de expressões que contemplam conceitos e formas de apresentação delas.

O primeiro conjunto de perguntas necessitou maior comprometimento durante sua elaboração, pois além da utilização de termos corretos e atualizados também era necessário que estes termos conseguissem ser inteligíveis para as gestoras. Um exemplo foi a questão que trata sobre raça ou cor das gestoras, após muito estudo e conversas foi decidido adotar as terminologias utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e adicionar uma questão aberta logo após para tratar das etnias da população indígena. A redação desta questão também foi baseada no IBGE e ficou da seguinte forma: "Caso se considere indígena, qual sua etnia ou o povo a que pertence?"

Além das pesquisadoras e do IBGE, foram associadas na construção do instrumento 2 gestoras de esporte para avaliarem o questionário quanto a sua estrutura, objetividade e inteligibilidade. Da mesma forma, após conversas prévias com elas e a manifestação positiva sobre a possibilidade de colaborarem, foi enviada uma versão do instrumento para que pudessem preencher e, depois disso, apresentar suas questões, dúvidas e sugestões. Uma dessas mulheres tem mestrado e experiência em diversas áreas da Educação Física, mas foi chamada para colaborar sobretudo por ser atleta e gestora de eventos numa Associação Esportiva de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A outra colaboradora foi convidada e alistada por ser Presidente do Conselho Fiscal no Comitê Paralímpico Brasileiro, com experiência reconhecida como atleta de rendimento (foi cinco vezes campeã mundial de natação paralímpica e 3 vezes medalhista em paralimpíadas).

Mas não foram apenas convites e interlocuções formais que estiveram presentes na constituição do instrumento. Inúmeras foram as conversas informais com amigas/os, conhecidas/os, sobretudo aqueles envolvidos em cenários de gestão de esporte, onde eu também tinha uma trajetória, conforme descrito na introdução deste estudo. Essas conversas também tiveram impacto na construção do instrumento de pesquisa, pois colaboravam sobremaneira nas dinâmicas de entendimento, de clareza e praticidade, isto é, nas previsões sobre como a versão final do questionário seria recebido pelas mulheres.

A partir das relações com orientador, membros de grupo de estudos, pesquisadoras e pesquisador especialistas, mulheres gestoras, amigos e conhecidos do cenário da gestão de esporte, posso dizer que a construção do instrumento de pesquisa demonstra um movimento de translação (de construção social da ciência), no sentido de que eu – como pesquisadora-mediadora, atora-rede – atuei criativamente na coordenação, enquadramentos e combinações de atores heterogêneos e de interesse diversos e distintos. Faz sentido, assim, afirmar que meu papel como pesquisadora em ação foi manter todas/os juntas/os e arrancar favores delas/es, o sublinha o trabalho de associação. A rede descrita, nesse caso, não existe, mas ela - como atora-rede - foi uma possibilidade ou melhor aquilo que possibilitou a constituição do instrumento.

Mas esse trabalho de coordenação, enquadramentos e combinações para manter e estabilizar todas/os e seus interesses, vale enfatizar, ocorreu em face de 2 pontos de passagem obrigatórios: a constituição da simplicidade e a praticidade do instrumento; e as controvérsias entre precisão conceitual, familiaridade e desconforto nas perguntas e respostas.

3.2 A constituição da simplicidade e a praticidade do instrumento

Um dos pontos de passagem desse coletivo heterogêneo e seus interesses esteve voltado para a simplicidade e praticidade do instrumento. O começo disso, como não poderia deixar de ser, foi o desenvolvimento de um primeiro conjunto de perguntas orientadas para as interrogações norteadoras da pesquisa (Quem são as mulheres que atuam na gestão do esporte? Quais as trajetórias e desafios enfrentados por essas mulheres? Como elas lidam em seu cotidiano com momentos críticos como a entrada no mercado da gestão, progressão na carreira e situações oriundas de discriminações e violências?). Essa primeira versão foi sistematizada para ser a mais breve e objetiva, projetando que as perguntas fossem inteligíveis para as gestoras e que as respostas contribuíssem para o estudo.

Nesse trabalho de constituição inicial do instrumento, o número de perguntas sempre foi objeto de preocupação minha e das/os demais atoras/es arroladas/os. Eu parti de um número que considerava razoável, mas conforme o tempo de pesquisa esse número foi aumentando; outras questões foram se somando. Isso ocorria na expectativa de fazer com que todas as perguntas presentes do instrumento

estivessem interligadas e dialogassem com a literatura (a pesquisa e o campo profissional da gestão de esporte). Aquela pretensão inicial acerca da construção de um instrumento simples e prático se mostrava mais escorregadia. Me vi diante da necessidade de suprimir perguntas e de alterar formatos, tendo em vista a ampliação das possibilidades de mulheres gestoras responderem.

Um dos meus principais receios a respeito do tamanho do questionário e do tempo para ser respondido era a desistência por parte das interlocutoras. Sabia de antemão que um instrumento muito complexo e com muitas perguntas seria uma barreira. Dessa forma, um dos primeiros percalços foi conseguir agrupar, simplificar e priorizar as perguntas que mais contribuíssem para o estudo. Na coordenação com/entre as/os atoras/es alistadas/os, foram produzidos ajustes no sentido de que permanecesse apenas as perguntas consideradas 'essenciais' para dar conta das questões norteadoras da investigação. Além disso, a partir das contribuições e pareceres das pesquisadoras e das gestoras de esporte, algumas perguntas foram divididas/desdobradas em mais de uma para melhor entendimento, em sua maioria, aquelas que tratam de formação profissional e acadêmica.

A priorização das perguntas e o formato da apresentação do instrumento sempre estiveram relacionados aos temas pertinentes para o estudo. Sendo assim, em um estudo sobre mulheres na relação com seus trabalhos nos ambientes da gestão, foi crucial desenvolver questões sobre trabalho doméstico e de cuidados, considerando o extenso debate sobre as múltiplas jornadas de trabalho enfrentadas por mulheres. Nessa esteira, várias possibilidades de importantes questões surgiram, após estabelecer quais as questões primordiais para resultar em um entendimento sobre a questão do trabalho doméstico e de cuidado os seguintes aspectos foram elencados: afazeres domésticos, cuidado dos filhos, cuidado de idosos ou de outras pessoas e manutenção financeira da casa. Ressalto que nesta questão, outros inúmeros aspectos seriam relevantes, porém, essas escolhas foram feitas tendo em vista objetividade e simplicidade. Mesmo após um trabalho de priorização precisei trabalhar com um agrupamento dessas questões, diminuindo o tempo para serem respondidas. Neste momento, acionei mais um elemento, durante o processo de construção do instrumento busquei responder o máximo de questionários que chegassem até mim, em um deles havia uma pergunta feita através de grade de múltipla escolha e ali vi uma interessante alternativa. Responder aquele questionário me possibilitou formular a seguinte questão "Qual seu nível de responsabilidade ou

colaboração nos seguintes aspectos da sua casa:” sendo os aspectos os citados anteriormente e as opções de níveis de envolvimento: “colaboradora principal”, “colaboradora frequente”, “colaboradora ocasional”, “não colaboro” e “não se aplica”. Dessa forma foi possível diminuir o instrumento, torná-lo mais dinâmico obtendo informações relevantes.

Não menos importante foi o desafio de impor uma ordem e uma temporalidade às questões. A convocação das pesquisadoras e das gestoras e suas contribuições criaram condições para que a ordem das perguntas ficasse estruturada começando com dados de identificação, formação acadêmica e profissional, atuação profissional e, por fim, perguntas ligadas às desigualdades de gênero no universo profissional, sendo as últimas, a maioria delas, constituídas de perguntas abertas. Em relação à temporalidade, foi solicitada para que as gestoras colaboradoras informassem o tempo de resposta, o que me possibilitou fechar numa estimativa de 15 minutos para o preenchimento completo do instrumento, informação esta que passou a fazer parte de um texto introdutório e da própria divulgação.

Embora eu tenha relatado em primeira pessoa a constituição da simplicidade e da praticidade - como ponto de passagem -, não é possível dizer que se trata de uma criação autônoma. O que procurei mostrar, ao invés disso, foi um processo de transformação de uma coisa em outra - um conjunto inicial de questões em um ‘instrumento fechado’ para ser preenchido em 15 minutos - onde atoras/es induzem outras/os a fazer coisas. Nesse sentido, simplicidade e praticidade remetem a um trabalho - ou melhor, uma performance - de governança científica de translação (passagem de um lado para outro), convocando atores heterogêneos para pôr as coisas dentro de limites, de ordens e de temporalidades, como se a ação da pesquisadora em ação fosse um bloco único, fazendo desaparecer as conexões, dando a impressão de que eu seria autônoma. Busquei destacar que não se trata de autonomia, mas um trabalho atora-rede para superar resistências e de ampliar possibilidades.

3.3 Acalmar controvérsias entre precisão conceitual, familiaridade e desconforto

O segundo ponto de passagem se refere ao fato de que, desde a primeira versão do instrumento, eu me deparava com a demanda - um ‘alerta’, um ‘ruído’ - de

que algumas perguntas teriam que ser apresentadas acompanhadas de explicações, como por exemplo as perguntas sobre sexualidade e identidade de gênero. Entre outras, essas perguntas sofreram diversas alterações, idas e vindas, mobilizaram reuniões, conversas, debates e contribuições até chegarem em sua versão final. Por outro lado, as perguntas vinculadas às configurações esportivas e à gestão de esporte não tinham essas demandas, me fazendo perceber um ‘silêncio’ a respeito delas, pois nenhuma necessidade de explicações parecia ser importante.

Esses ‘alertas’ me fizeram empregar um bom esforço sobre as questões relacionadas à identidade de gênero, sexualidade, maternidade e raça/cor no universo da gestão de esporte. Logo entendi que os termos e explicações trazidas no questionário precisavam dar conta de abranger toda essa diversidade de identidades, mas que levaram o instrumento para lugares de indeterminação, exatamente por abordar grupos/pessoas que questionam categorias sociais existentes. O primeiro conjunto de perguntas necessitou maior comprometimento durante sua elaboração, pois além da utilização de ‘termos corretos’ e ‘atualizados’ no que diz respeito ao debate acadêmico-científico, também era necessário que estes termos conseguissem ser inteligíveis para as gestoras.

Não por acaso houve um grande cuidado com a utilização dos termos e explicações mais apropriadas e com uma estrutura que deixasse as gestoras o mais confortáveis possível para responderem. Nas perguntas que pudessem gerar algum desconforto para gestoras utilizei o seguinte lembrete sobre a confidencialidade das respostas “Lembrete: Seu nome, e-mail e telefone serão mantidos em total anonimato durante todo o processo de coleta de informações e escrita do trabalho, os dados de identificação serão utilizados apenas para que a pesquisadora possa entrar em contato com você.” Além disso, a inserção da opção “outros” possibilitando que a gestora coloque opções não descritas e a opção “não declarar” foram utilizadas.

Quanto à escolha da ordem das perguntas, os cuidados tomados foram no sentido de facilitar o entendimento das gestoras mantendo uma lógica que fizesse sentido para o estudo. Desta forma, iniciei pelos dados de identificação seguidos de formação acadêmica, formação profissional e questões específicas do tema da pesquisa. Ao passo que fui dialogando com as pessoas alistadas surgiu a proposta das perguntas sobre sexualidade e identidade de gênero serem realocadas para o final do questionário, sustentadas pelos argumentos de que as gestoras poderiam não se sentir à vontade em responder chegando a desistir de responder logo no seu início

e que as colocando ao final as gestoras já estão mais ambientadas com o instrumento tornando mais cômoda a resposta.

Sem dúvida a questão que mais exigiu empenho, comprometimento e reflexões para ser construída foi a sobre identidade de gênero. Considerando que o estudo pretende compreender os lugares ou os não lugares das mulheres trans e travestis no universo da gestão, na primeira etapa da pesquisa constituída pelo questionário torna-se necessário conhecer quem são e onde elas estão no universo esportivo. Para redigir o enunciado da questão precisei de muitas idas e vindas, estudos para manter a nomenclatura atualizada, observações através de redes sociais para compreender como essas mulheres estão se auto descrevendo, como preferem ser chamadas e quais conceitos são mais aceitos entre elas e leituras de escritos feito por mulheres trans e travestis. Nesse momento da construção me vi no meio de uma controvérsia sobre utilizar a descrição mais atualizada e completa sobre identidade de gênero ou a mais popular e difundida entre as pessoas.

Por um caminho estaria em adequação com os termos científicos que são utilizados principalmente dentro do ambiente acadêmico, que dão conta de explicar com riqueza de detalhes e compreensões sobre a pluralidade das identidades de gênero, mas faria isso assumindo o risco de as gestoras não entenderem do que se trata ou se sentirem confusas ao responder. E, por outro caminho, seria optar por uma descrição breve e mais comumente utilizada para facilitar o entendimento das gestoras que não estão familiarizadas com o tema, porém, não estão totalmente alinhadas com os conceitos mais atuais. Na interlocução com pesquisadores e gestoras convocadas para a construção do instrumento, compreendi que nenhum dos dois caminhos atenderiam a todos os interesses envolvidos, e que a escolha deveria seguir o caminho que estava mais alinhado com o objetivo do estudo do qual o instrumento faz parte.

Após reuniões e conversas com diversas pessoas e muito estudo, a opção tomada foi utilizar a descrição mais simplificada para diminuir o número de desconfortos e possíveis desistências entre as gestoras e tornar a terminologia o mais familiar possível. Após a decisão tomada, em contato com pesquisador com muito entendimento sobre o tema, após longas conversas, finalizei o enunciado da questão, ficando da seguinte forma: “Qual sua identidade de gênero?” e as opções dadas foram: “Cisgênero (pessoa que se identifica com o sexo de nascimento)”, “Transgênero (pessoa que NÃO se identifica com o sexo de nascimento)”, “Gênero

não-binário”, “Não me sinto à vontade para responder” e “Outros”, sendo esse último um espaço aberto para a descrição de sua identidade de gênero.

No contexto dessa governança científico-acadêmica em torno dos termos, me deparei com uma situação que tornou aquele ‘alerta’ inicial ainda mais significativo, já não mais como um ‘ruído’. Durante o processo de convite das pessoas para realização dos pareceres, elenquei, junto de meu orientador, alguns nomes considerando aspectos como proximidade e/ou vivências relacionadas ao tema. Dentre elas, uma pessoa trans envolvida com o ambiente esportivo. A possibilidade de uma negativa já estava em nossos horizontes, visto o que as pessoas trans têm se manifestado, principalmente em suas redes sociais, sobre o fato de serem acionadas para inúmeros trabalhos acadêmicos que nem sempre geram ganhos individuais ou coletivos. Nesse caso, ao entrar em contato com essa pessoa, conversamos um pouco, expliquei sobre a pesquisa e sobre como a contribuição dela seria importante. De forma muito educada ela negou o convite e me relatou como, ao longo de vários anos, tem recebido esses tipos de convites para contribuir em pesquisas e que com o tempo foi percebendo que acabam não somando em nada para ela.

Conversamos bastante após isso. Ela foi me contando sobre algumas vivências e deixou claro que não está mais aberta a contribuir desta forma com pesquisas científicas. Fechamos a conversa falando sobre as possibilidades e importância dessas contribuições trazer ganhos para as pessoas trans, sendo eles simbólicos, científicos, materiais ou etc., e como essas relações têm de ser construídas e acertadas a depender do caso e das pessoas. Passando o momento da tensão de realizar o convite a conversa foi fluído e me instigando a refletir ainda mais sobre o tema. Considerando que o estudo procura exatamente abrir uma controvérsia ao estudar as mulheres na gestão de esporte, o processo de construção do instrumento me levava a fechar outra ao não tratar da negativa e trazer ela na versão final do questionário. Essa negativa recebida demonstra que para realizar o fechamento do questionário, enquanto controvérsia, muitas questões vão sendo apagadas e/ou deixadas de lado.

Ao que me parece estive diante de um – e fui responsável, como mediadora, por um – processo de purificação da ciência, onde parece apenas importar os resultados finais e não como eles são construídos, muitas controvérsias são ignoradas. Textualizando essa experiência, me percebi num trabalho de harmonização que envolvia fazer caminhar juntos no instrumento, com certa

estabilidade, a precisão conceitual de noções acadêmico-científicas, a familiaridade e o desconforto em torno dos termos que seriam acessados pelas mulheres gestoras, as resistências e negativas de pessoas/coletivos que se veem apagados de instrumentos e, sobretudo, de seus resultados políticos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM INSTRUMENTO QUE ABRE UM DEBATE?

Ao compreender sobre a construção desse instrumento de pesquisa foi possível me perceber como atora-rede conectando elementos heterogêneos que vão gerando novas conformações, produzindo novos entendimentos. Utilizando o conceito de translação de Latour foi possível observar as associações que vão sendo feitas para fechar/estabilizar a controvérsia em questão: o questionário.

Ao investigar um tema com a proposta de trazer à tona as pluralidades é de se esperar que todos os processos envolvidos durante a pesquisa dialoguem com essa lógica. Entretanto, esse não foi caminho simples e linear, muito pelo contrário. Ao trabalhar para constituir um instrumento simples e prático, muitos aspectos foram abandonados e outros sendo agregados. Precisei aliar e unir diferentes interesses durante essa construção. Ao produzir ciência lidei com a difícil missão de estabilizar um questionário perpassado por elementos como: rigor científico, conceitos acadêmicos, falta de familiaridade com os conceitos por parte das gestoras que o responderão, alinhamento político/ideológico com determinadas escolhas de terminologia, desconforto gerado por determinadas perguntas, o tempo necessário para o questionário ser respondido, entre outras.

A construção deste instrumento é, ela mesma, controversa. Em termos científico-acadêmicos há um aumento de estudos sobre mulheres no esporte, sendo poucos desses focando especificamente na gestão. Entre os poucos estudos sobre/com gestoras do esporte ainda é possível observar um resquício de universalização do conceito de “mulher”, deste modo, a proposta trazida na pesquisa busca precisamente um rompimento e um olhar maior para as pluralidades. Noutros termos, a pesquisa se propõe a abrir um debate. Contudo, no processo social de constituição do instrumento – aqui trazido na perspectiva da sociologia da translação, tendo como referência principal a obra de Bruno Latour – me vi diante da necessidade de produzir práticas de coordenação, de governança e de harmonização para fechar

um instrumento e acalmar (abandonar) debates importantes e relevantes para o próprio estudo.

Trouxe aqui como lidei com algumas controvérsias, e como, elas foram sendo transformadas na intenção de finalizar o instrumento de pesquisa. Isso ocorreu numa situação de ação-rede que não torna possível delimitar ou apontar a influência de cada elemento (isso é até desnecessário ou descabido), mas que torna perceptível que esses e outros tiveram agência nas ações e construções após seu acionamento.

Fui me construindo e desconstruindo como pesquisadora em todas as ações desse processo. Intensifiquei o exercício diário de buscar compreender os lugares de outras mulheres, e como o meu fazer científico pode contribuir, ou não, para mudanças que individualmente julgo necessárias. Nessa linha, estabilizar o instrumento me possibilita entender quais mudanças outras mulheres almejam, alinhar objetivos através de conexões e coletivizar anseios e planos. Me coloco na pesquisa como uma mulher que visa construir ciência através de associações que possibilitem por meio da coletividade avanços para um esporte mais diverso e inclusivo.

5 REFERÊNCIAS

AZEVÊDO, Paulo Henrique. O Esporte como Negócio: uma visão sobre a gestão do esporte nos dias atuais. **Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 36, n. 5, p. 929-939, 2009.

BELAN, Bruna Bressan. **Participação de mulheres na gestão esportiva**: uma revisão sistemática. 2015. 35 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 218-222.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio/ago. 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOMES, Euza Maria de Paiva. Esporte e Inclusão Social: Mulheres na gestão esportiva brasileira. *In*: DA COSTA, Lamartine. **Atlas do Esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 615-617.

GOMES, Euza. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro**: desafios e perspectivas. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). **Práticas de esporte e atividade física**: 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, mulheres e esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 199-210, 2006.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório**: a produção de fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n. 3, p. 237-248, 1993

OLIVEIRA, Gabriela Aragão Souza de; TEIXEIRA, Ana Paula de Oliveira. Trilhando um novo caminho: a gestão esportiva. **Revista Gênero**, v. 10, n. 1, 2009.

PREMEBIDA, Adriano; NEVES, Fabrício Monteiro; ALMEIDA, Jalcione. Estudos sociais em ciência e tecnologia e suas distintas abordagens. *Sociologias*. v. 13, n. 26, p. 22-42, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222011000100003>

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.

TORGA, Monique; SANTOS, Francielle Pereira; MOURÃO, Ludmila Nunes. Gênero e Futebol: as mulheres na gestão do futebol brasileiro. **VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**, 2018.

ZANATTA, Thaís Camargos *et al.* O perfil do gestor esportivo brasileiro: revisão sistemática da literatura. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 291-304, 2018.